

O GUARDIÃO DO TEMPO

No dia 25 de janeiro de 1.922, nesta cidade, na chácara do meu avô Júlio Sudário da Silva Leite, na atual rua José Trevisan (saída para a rodovia), foi celebrado o feliz casamento de meus pais. A família era conceituada, e muitos convidados compareceram para prestigiar os jovens noivos e testemunhar sua felicidade. Houve fartura, alegria e amor. Muitos presentes foram dados, como era e é de praxe. Entre eles um belo relógio importado, marca "Junghans", com formato de "capelinha", mostrador prateado, com letras pretas e uma estrela estilizada de oito pontas. Uma beleza de técnica e precisão.

Quando nasci, ele já estava trabalhando, colocado sobre um aparador, na sala de jantar de minha casa. Além das vozes carinhosas de meus Pais, suas "batidas" das horas e meias-horas foram os primeiros sons que ouvi. Eram bonitas, musicais, firmes, constantes, eternas. Cada oito dias, meu Pai dava corda no relógio, que nunca adiantou, atrasou ou parou. Calmo, seguro, perfeito, cumpriu (e cumpre) sua missão, testemunhando toda a vida da família. Marcou as horas alegres e tristes, felizes e infelizes, dando um sentido de eternidade aos acontecimentos. No seu afã, o velho e imortal

relógio determinou o momento de levantar e dormir, a hora das refeições, do trabalho e do descanso.

Em abril de 1970, venceu o tempo de meu Pai. (Que tristeza! Que saudade!). Mas, o fiel relógio continuou, tendo minha Mãe assumido sua guarda. Em março de 1981, fiquei totalmente só... (Quantas lágrimas, quantas preces!). Fui buscá-lo, pois um amigo não pode ser abandonado. Coloquei-o sobre o aparador da minha sala de jantar, bem debaixo da "santa ceia". Sou agora seu zelador: Cada oito dias lhe dou corda, pois herdei a condição de guardião do tempo, já que a vida não para. De dia, de noite, sempre ouço suas "batidas", seu som cristalino, suave, amigo.

Um dia, um filho meu virá buscá-lo, cuidará dele, lhe dará corda, ouvirá seus sons, verá suas horas... porque a vida é eterna.